

OLIVEIROS S. FERREIRA

# ESTADO DE SÃO PAULO

## Formar professores

*Educação*

**R**etomo-as reflexões que ouvi durante concurso de que participei na Faculdade de Educação da USP. Elas se ajustam bem no atual quadro nacional em que se fala, há anos, que a Educação é o principal problema brasileiro, e se continua falando. Não desconheço, longe disso, esforços que vêm sendo feitos por governos e iniciativa privada. Nem seus resultados – alguns mediocres, outros excelentes, todos relativos quando se comparam custos e resultados.

O que mais me chamou atenção foi uma reflexão profunda sobre a velha Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Busco resumi-la, passados os dias e a memória enfraquecida. Mesmo assim, conservo bem viva a lembrança de que se disse, com todas as palavras, que a Faculdade cuidava de formar bons professores secundários e que, por isso – ademais, sendo o número de ginásios e escolas normais bem menor do que hoje –, o ensino era muito melhor. O formar bons professores não significava – e isto é o importante a reter – azucrinar os alunos com tantas e novas e novíssimas “pedagogias” e “didáticas”. Eram poucas. Quando me formei, no início dos anos 50, a licenciatura era apenas um ano: Didática Geral, Didática Especial (para cada ramo da ciência, uma) e Psicologia Educacional. O restante da grade curricular completava-se com as matérias de Sociologia, Política, Antropologia ou Economia, à escolha do aluno. Não diria que nossas virtudes eram tantas – digo nossas, porque prestei concurso e fui lecionar no interior, numa escola normal pública – como foram apregoadas. Dos poucos meses que passei no interior, afora a de ter uma péssima didática, guardo a impressão de que minhas alunas haviam tido um ginásial sofrível. Como lhes disse, os 20 anos autorizando todas as audácia: “Vocês mal sabem conjugar o verbo amar.”

Abem dizer as coisas, a Faculdade formava professores em turmas pequenas – quando ingressei, éramos 12. Antes de irmos – e havia os que ficavam – para o interior, quem dava aulas nos ginásios oficiais? O padre ensinava latim

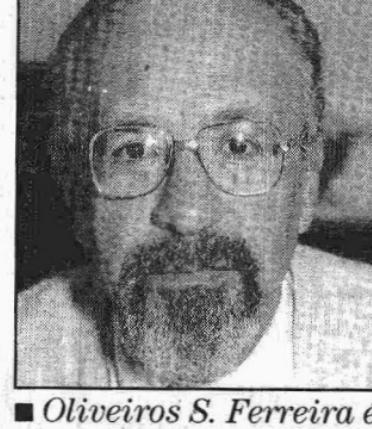
ou português; o médico, biologia ou similar – afora os professores que haviam entrado por concurso. Esses eram poucos. Recordo-me do grande trauma que foi para o ensino público paulista uma avaliação que se fez, não sei se em 1947/8 ou antes. Sei apenas que foi realizada no velho prédio da Cae-tano de Campos, onde funcionava a Faculdade. Vieram, tinham de vir, esses abnegados que ensinavam pelo interior. Quantas vezes, naqueles dias, ouvi, nos corredores, suas amargas queixas contra a “sabedoria” – ou o esnobismo – dos professores da Faculdade que os avaliavam e exigiam deles que soubessem tudo sobre o que eles, na Capital e na Faculdade, tinham acabado de ler.

Isso, porém, são memórias. Que se enquadram naquilo que foi dito. Depois dessa fase, que deve ter terminado em meados dos anos 50, o ensino público expandiu-se – e já

não tinha quadros suficientes para manter a mesma qualidade. Além do que, na Faculdade, começaram a surgir especializações didáticas e pedagógicas – e creio que o saber Sociologia, Política, Antropologia ou Economia passou a ser menos importante. Essa observação é válida para os dias de hoje, depois que os salários do ensino oficial foram aviltados para que se pudesse atender a uma das “leis de Parkinson”: os quadros administrativos, burocráticos,

devem hoje ser bem maiores do que o dos professores. E foi preciso pagar algum salário a todos... Digo que o saber a matéria que se ensinava passou a ser menos importante porque certa feita, quando o Instituto Liberal de São Paulo iniciava uma experiência de amparo ao ensino público, elaboramos apostilas de Física, Química e Matemática, que entregamos a alunos de um colégio do Taboão. Elas serviram para que o diretor selecionasse seus professores: “V. é capaz de dar este curso?” Muitos que se habilitavam, ou já estavam no ensino oficial, não eram.

Colocam-se computadores nas escolas, pensando na administração e nos alunos. Nos professores e na sua formação na matéria que irão ministrar, parece que se pensa pouco. E depois se exige muito do ensino público.



■ Oliveiros S. Ferreira é jornalista

**Não bastam computadores na administração e para os alunos se os mestres sabem pouco**